GESTÃO DE EMPRESAS NO MODELO DE ECONOMIA DE COMUNHÃO

JEFERSON MENDONÇA
jefersonbetesda@hotmail.com
Miguel Otávio Barreto Campelo de Melo
miguelmelo@asces.edu.br
Dhebora Fonseca
dheborafonseca.df@gmail.com
Clarissa Wanderley
clarissawmelo@gmail.com
Lucas Rodrigues
jos--lucas01@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é avaliar a gestão das empresas com o foco voltado para a Economia de Comunhão (EdC). A Economia de Comunhão (EdC) consiste em direcionar a gestão das empresas a se constituírem como comunidade de pessoas responsáveis e motivadas, voltada à produção de bens e serviços, em vista de uma sociedade solidária e com possibilidades de trabalho.Esta pesquisa é de natureza exploratória, do tipo descritivo, com base em um estudo de campo, utilizando métodos de coleta de dados, questionários, formulados com questões fechadas e abertas, que envolveu matemática e estatística para melhor mensurar e testar as hipóteses. No tocante aos resultados, de forma geral, percebe-se que as médias alcançadas pelas empresas estão bem próximas do objetivo da pesquisa, ou seja, estão engajadas na perspectiva da economia de comunhão, necessitando apenas do conceito e integração por todas as partes interessadas dentro e fora da organização.

Palavras-chave: Economia de Comunhão, gestão empresarial, Bens Relacionais

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é avaliar a gestão das empresas com o foco voltado para a Economia de Comunhão (EdC). A estrutura deste artigo contém, além desta introdução tem três seções, onde são abordados os fundamentos da Economia de Comunhão nas empresas e as características e suas estruturas básicas. Na última seção são apresentadas uma pesquisa de campo com algumas empresas analisando a percepção sobre EdC.

Os conceitos básicos da proposta de gestão de empresas através da Economia de Comunhão (EdC) surgiram no início da década de 90 em São Paulo pela equipe da Professora Dra Chiara Lubich, fundadora e presidente do Movimento Internacional dos Focolares. A proposta iniciou-se com a criação de um Pólo Industrial tendo como cidade-piloto Mariápolis-Vargem Grande no Estado de São Paulo (BIENER, 2002).

A Economia de Comunhão (EdC) consiste em direcionar a gestão das empresas a se constituírem como comunidade de pessoas altamente responsáveis e motivadas, voltada à produção de bens e serviços, em vista de uma sociedade solidária e com possibilidades de trabalho. E como se entende serem necessárias pessoas profundamente convictas, há uma motivação em desenvolver as estruturas das "cidadezinhas", chamados de Pólos Industriais de EdC, visando a formação de "homens novos", além naturalmente do incremento à própria empresa (ARAÚJO, 1992).

Vale ressaltar que não se trata de modismo ou de apenas de colocar em comum moeda ou bolsas de auxílio para atingir os fins já mencionados, mas sim de criar empregos, investir os lucros das empresas em projetos de expansão. Também é incluído o fornecimento de equipamentos ou serviços, colocar em comum a experiência adquirida, a gestão e capacidade gerencial, bem como as patentes. A partilha não deve ser apenas de bens materiais, mas também de propósitos, de tempo e de capacidades (QUARTANA apud SERAFIM, 2001). Trata-se, portanto, de uma reviravolta que coloca os talentos, a capacidade e a gestão da produção empresarial a serviço do bem comum. Seus princípios de atuação tomam como base os seguintes objetivos:

a) Ajudar os que se encontra em necessidade, oferecendo-lhes condições de melhoria de vida e possibilidade de emprego;
b) Incrementar a própria empresa;
c) Desenvolver estruturas visando à formação de Homens Novos.

Ressalta-se que esta nova forma de gestão obteve uma expressiva aceitação e repercussão imediata em várias partes do mundo. Atualmente o modelo de organizações que aderiram aos conceitos de Economia de Comunhão (EdC) já conta com mais de 800 empresas de variados portes, localizadas nos cinco continentes: 470 na Europa, 100 no Brasil, 170 nas Américas, quarenta e duas na Ásia, quatro na África e cinco na Austrália (EoC, 2008).

Grande parte dessas empresas se concentram em polos produtivos ou industriais, um dos elementos básicos que compõem a primeira intuição da EdC, que funcionam como laboratório visível e ponto de referência ideal e operativo também para as outras empresas do projeto.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Características e Estruturas Básicas da EdC

De acordo com Monteni apud Vido (2004) a Economia de Comunhão (EdC) possui as seguintes características principais:

a) Presença na economia de mercado: As empresas da economia de comunhão não são um grupo isolado, mas estão dentro da realidade do mercado;
b) Atenção tanto à produção quanto à distribuição da riqueza: Diferente de outros movimentos sociais que se voltam apenas para a distribuição da riqueza considerando a maneira de agir do sistema econômico como inaceitável, a economia de comunhão valoriza o processo de maneira global, ou seja, desde a produção até a distribuição da riqueza dentro da sociedade;
c) Liberdade de participação: A economia de comunhão se apresenta como uma experiência de liberdade. Nada é imposto e os empresários são livres para formular como serão destinados os lucros entre o crescimento da empresa, o auxílio das pessoas em dificuldades econômicas e a difusão da cultura do partilhar;

d) Compromissos que vão além dos limites da empresa: As pessoas envolvidas no projeto da EdC são movidas por um "ímpeto ideal", a orientação a um compromisso que vai além dos limites da empresa.

No encontro do Bureau Internacional de Economia e Trabalho em 2000, (BARAÚNA,1999), foram definidos os seguintes princípios e valores das empresas da EdC:

- Empresários Trabalhadores e Empresa: Os empresários formulam estratégias, objetivos e planos empresariais, baseados em critérios característicos de uma gestão correta e participativa. Têm como enfoque principal a pessoa humana e não o capital, adotando assim medidas para ajudar os funcionários que passam por dificuldades valorizando seus talentos individuais;
- Relacionamento com Clientes, Fornecedores, Sociedade Civil e com Terceiros: A empresa busca oferecer produtos e serviços de qualidade e a preços justos, ressaltando as características dos mesmos, porém sem depreciar ou ressaltar os defeitos de produtos ou serviços dos seus concorrentes.
- Ética: A Empresa tem a preocupação com o cumprimento das leis e a manutenção de um comportamento correto perante o governo, e as organizações institucionais e entre todos os membros da empresa. Ela mantém o pagamento de seus impostos em dia e presta a máxima atenção para não poluir, oferecendo assim produtos e serviços com qualidade e respeito aos seus consumidores;
- Qualidade de Vida e da Produção: Além da preocupação com o cumprimento dos requisitos legais relacionados à saúde e segurança dos trabalhadores, os empresários da Economia de Comunhão preocupam-se com a qualidade dos relacionamentos interpessoais dentro da empresa, em estímulos a inovações, incrementando a produtividade, e evitar danos ao meio ambiente, economizando energia e reservas naturais durante o ciclo de produção;
- Harmonia no Local de Trabalho: A empresa adota sistemas de gerência e estruturas organizacionais, visando a promoção tanto do trabalho em grupo como do trabalho individual;
- Formação e Instrução: O empresário deve incentivar a criação de uma atmosfera onde os talentos, ideias e capacidades dos funcionários sejam colocadas de uma forma natural, em benefício do crescimento profissional e do progresso da empresa.

– Comunicação: A empresa que adere a EdC estabelece uma comunicação aberta e sincera com todos membros da organização. São utilizados meios modernos de comunicação, a fim de manter contatos produtivos em nível local e internacional.

Na Tabela 1 a seguir Gonçalves (2004), apresenta as diferenças dos fundamentos da economia clássica e a de comunhão. Observa-se, portanto, que na Economia de Comunhão (EdC) a solidariedade tem lugar sobre individualismo, homem tem primazia sobre o capital, não havendo oposição entre bem individual e bem social e tendo a cultura de Ser para Si substituída pela do Ser com o Outro.

Tabela1- Diferenças dos Fundamentos da Economia Clássica e a de Comunhão

Economia Clássica	**Economia de Comunhão**
Modo de Produção Capitalista	Modo de produção de Economia de Comunhão
A linha original de continuidade entre a ética e economia é interrompida	A linha original de continuidade entre a ética e economia é incluída
O individualismo na base das relações econômicas	A solidariedade na base das relações econômicas
Cultura de ter	Cultura de dar
A racionalidade consiste na utilidade, na acumulação e em elevar ao máximo o lucro privado	A racionalidade consiste na doação e partilha do lucro e pressupõe a personalização do relacionamento e a felicidade humana
Homo Economicus, Homo consumerico individualista, hedonista e egoísta.	*Homo* Doador, Solidário, *Homo* espiritual
Oposição entre bem individual e bem social	Não oposição entre bem individual e bem social
O capital tem primazia em relação ao homem	O homem tem primazia em relação ao capital
A relacionalidade incorpora sempre o elemento de condicionalidade	A relacionalidade incorpora sempre o elemento de gratuidade
Prevalência da racionalidade instrumental, racionalidade do ***EU***	Prevalência da racionalidade substantiva, da razoabilidade que segundo Aristóteles contém elementos de sabedoria. Racionalidade do **EU com Todos**
Os indivíduos não estão ligados uns aos outros por nexos indivisíveis antes de iniciar a troca	Os indivíduos estão ligados uns aos outros por nexos indivisíveis antes de iniciar a troca
A cultura de **Ser para SI**	A cultura de **Ser com o Outro**
Apropriação privada do excedente	Apropriação do excedente privada e partilhada com dois atores beneficiários fora do processo produtivo
Foco na avaliação dos resultados econômicos do mercado	Foco nos atores sociais
Esquecimento da premissa antropológica	Afirmação da premissa antropológica
Empresa e Sociedade	Empresa na Sociedade

Fonte: Gonçalves (2004).

2.2 Bases da Gestão nas Empresas de Economia de Comunhão

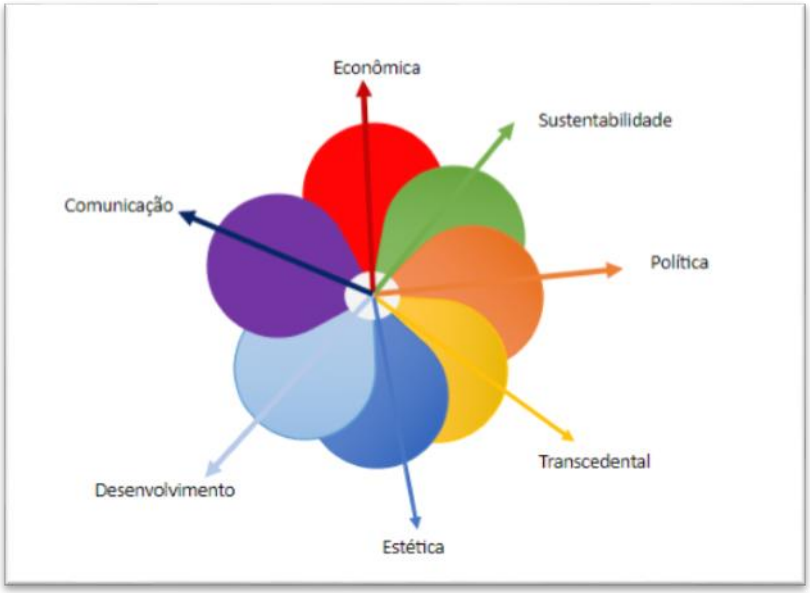
Para a adesão da gestão das empresas à Economia de Comunhão devem seguir os princípios da solidariedade, bem comum, primazia do trabalho no capital, destino universal dos bens e

dignidade humana, e responder aos princípios, ética e valores espirituais nos negócios. Solidariedade só pode existir quando o egoísmo é silencioso (LUBICH, 2002). Bruni e Uelmen (2006) descreve esta "doação" como fornecendo uma visão para as empresas que valorização o relacionamento e procura a felicidade dos outros.

O foco principal do modelo EdC é a reciprocidade e o respeito pela dignidade humana, coloca a pessoa humana no centro do um negócio. O modelo de Economia de Comunhão é uma verdadeira reviravolta antropológica de caráter não apenas econômico, mas também cultural (SPECHT, 2018) e (FERRUCI, 2005). Além desses princípios, os empreendedores EdCdevem ser guiados pelas sete dimensões do modelo de gestão. Embora exista separadamente e tenha sua importância intrínseca, todas elas convergem para unidade, similar ao que acontece com disco de Newton, onde a soma de todas as cores resulta em branco, que é a harmonia (LEIBHOLZ, 2002).

- Vermelho: Representa a dimensão econômica e de compartilhamento, indicador financeiro, produtividade e participação nos lucros como um resultado da comunhão;
- Verde: Sustentabilidade, a dimensão da saúde e bem-estar dos membros e destinatários do bem produzido e da satisfação do cliente;
- Laranja: A dimensão política, a irradiação no sentido de convencer o valor da proposta em seus vários aspectos, principalmente substantivos;
- Amarelo: A dimensão transcendental e a fidelidade ao projeto em seu sentido fundamental e espiritual e responsabilidade social;
- Azul: A dimensão estética, harmonia no ambiente de trabalho, tanto no sentido físico quanto nas relações humanas e na prática da ética;
- Azul Claro: Desenvolvimento, eficiência, inovação e pesquisa, além do equilíbrio da missão, no sentido do comportamento de sabedoria;
- Violeta: A dimensão da comunicação e troca de experiência e interesse entre todas as empresas relacionadas, no sentido de através da comunhão efetiva, manter a unidade do projeto em torno de seus princípios.

Figura 1 - As sete dimensões da EdC



Fonte: Próprio Autor (2018)

Um dos pontos mais característicos da Economia de Comunhão (EdC) é a chamada Cultura do Partilhar. Segundo esta cultura o ser humano é naturalmente chamado mais para doar do que para ter. Ou seja, se realiza mais doando do que possuindo. A solidariedade só pode existir quando se cala o próprio egoísmo (LUBICH, 2002). Para a adesão a gestão de empresas através da Economia de Comunhão é convidada empresas despertas aos princípios da solidariedade, bem comum, primazia do trabalho sobre o capital, destinação universal dos bens e dignidade humana, e a responderem a princípios e valores ético-espirituais nos negócios.

Considera-se que a empresa na sociedade humana e ambiental destina o lucro para três finalidades: Reinvestimento na empresa; Partilha com os excluídos do sistema econômico vigente; Formação de homens e mulheres novos capazes de afirmarem a racionalidade de comunhão (BRUNI, 2002). Este conceito está de acordo com o que Bruni et al. (2008) aborda sobre o conceito que o bem estar do indivíduo é um dos mais importantes desejos que o homem almeja.

Ferruci (2005) afirma que o projeto de Economia de Comunhão na liberdade é uma verdadeira reviravolta antropológica de caráter não só econômico, mas também cultural. À base da economia dominante está o individualismo, uma das qualidades fundamentais do

Homo Economicus. Na Economia de Comunhão, pelo contrário, o modelo do homem econômico é a pessoa em relação de reciprocidade com os outros.

Em seguida na Tabela 2 são apresentados os conceitos e características das empresas capitalistas, as solidárias e as de Economia de Comunhão (EdC).

Tabela 2 - Conceitos e Características das Empresas Capitalistas, Solidárias e de Comunhão

Capitalistas	Solidárias	Economia de Comunhão
A finalidade básica é maximizar o lucro sem considerar os meios, para depois ser apropriado pelos acionistas e proprietários dos meios de produção	A finalidade básica não é maximizar o lucro, mas a quantidade e a qualidade do trabalho	A finalidade básica é maximizar o lucro sem considerar os meios, para depois partilhar com beneficiários da EdC
A autoridade e o controle pertencem aos investidores e aos acionistas	A autoridade e o controle pertencem aos funcionários	A autoridade e o controle pertencem aos empresários, ou aos empregados quando são cooperativas
Separação entre trabalho e a posse dos meios de produção é mediada pela racionalidade instrumental	Não há separação entre trabalho e a posse dos meios de produção	A separação entre trabalho e a posse dos meios de produção é mediada pela racionalidade capaz de comunhão
Tem lucro que é apropriado pelo capitalista e pelos investidores	Não tem lucro porque nenhuma parte de sua receita é distribuída em proporção às cotas de capital	Tem lucro que é apropriado pelo empresário, pelos beneficiários da EdC ou reserva quando se trata de cooperativa
O poder de mando está concentrado nas mãos dos capitalistas	Poder de mando está concentrado nas mãos dos empregados	O poder de mando está concentrado nas mãos dos empresários ou dos cooperativados
Isenção de valores religiosos	Isenção de valores religiosos	Inserção de valores religiosos

Fonte: Gonçalves (2004).

De acordo com Serafim (2001), as bases da gestão das empresas de EdC se exprimem em duas opções: As Individuais e das Organizações Produtivas. Nas opções Individuais tem-se:

- Aspiração a uma comunhão com o outro, feito de abertura recíproca, de estima, respeito e de partilha da condição humana;
- Estilo de consumo sóbrio e crítico, respeitoso dos recursos comuns da humanidade e da aspiração natural a uma igualdade substancial com os outros homens;
- Uso responsável da própria riqueza, a fim de que ela sirva à promoção do bem comum;
- Partilha das próprias receitas e dos próprios recursos com o próximo que se encontra necessitado, num relacionamento de igual dignidade.

Nas opções das Organizações Produtivas:

- Conciliação das exigências de eficiência e de rentabilidade, com o objetivo de tornar a atividade econômica um verdadeiro lugar de encontro de todos os sujeitos envolvidos;

- Participação ativa dos trabalhadores na vida da empresa;
- Empenho concreto pela melhoria do âmbito social no qual as organizações atuam, não ficando alheias ao bem comum e às necessidades urgentes das pessoas menos favorecidas com as quais entram em contato;
- Estabelecimento de relações de abertura recíproca e de confiança entre consumidores, fornecedores, concorrentes, entre a comunidade local e a administração pública, tendo a atenção voltada para o interesse geral;
- Vivência na promoção do pleno respeito pela ética e pelo ambiente.

Ressalta-se que a Economia de Comunhão (EdC) na liberdade coloca o homem no centro das ações econômicas e organizacionais. Desta forma, têm-se as organizações feitas para o ser humano e não vice-versa, focando uma hierarquia bem definida de valores entre os meios e os fins. Porém não é suficiente que o homem ocupe o centro, se este for individualista. Sendo assim, de modo a legitimar a posição de centralidade do ser humano surge o modelo do Homem Novo, sendo esta condição preliminar para o nascimento e funcionamento da proposta (SORGI,1998). A adesão deve ser isenta de toda pressão do mercado, de toda crise de consciência, de todo cálculo de custo/benefício, enfim, de tudo que não possa ser derivada de uma escolha livre que, dentre as alternativas, opte pelo que sua convicção apontou (ARAÚJO apud SERAFIM, 2001).

Na Tabela 3 a seguir é apresentado um resumo dos Custos e Benefícios na EdC.

Tabela 3 - Custos e Benefícios da Economia de Comunhão

Custos	Benefícios
Investimentos nos empregados: Treinamento, salário/bônus maiores, aumento do número de empregados	Aumento da produtividade com um maior espírito colaborativo entre os empregados
Investimento em meio ambiente (tecnologia)	Níveis maiores de inovação de uma forma natural em toda a empresa, compartilhando o sentido de propriedade
Investimento em saúde ocupacional e segurança do trabalho	Dedicação dos trabalhadores em trabalhar para superar dificuldades
Investimento na comunidade local, serviços voluntários para organizações locais. Comunidade dos Focolares	Lealdade dos clientes. Valorizam o processo de produção e produto
Investimento na sociedade global através da distribuição dos lucros da EdC	Rede internacional de suporte e contatos através dos Focolares. Tendências autárquicas e compartilhamento de tecnologia
Pagamento de Impostos de acordo com a legislação	Transparência fiscal que possibilita planejamento cauteloso em épocas de crise
Perda de pedidos devido a posição contra a corrupção	Motivação espiritual para suportar pressão ao invés de enxergar fracassos no projeto. Crença na "Providência"

Fonte: Gold apud Silveira (2004).

De acordo Faller (2010, p.130) é importante reforçar que a Economia de Comunhão não se apresenta como uma nova forma de empresa, como alternativa àquelas existentes, como aconteceu com o movimento cooperativista. Ela deseja transformar, a partir de dentro, as estruturas convencionais das empresas (sejam elas sociedades por ações, cooperativas ou non-profit), imprimindo às relações, dentro e fora da empresa, um estilo de vida de comunhão.

2.3 Elementos da EdC: Bens relacionais e reciprocidade

A estruturação da EdC não está restrita a partilha do lucro como visto anteriormente, mas como qualquer outro modelo de gestão, o projeto é fundamentado em alguns elementos principais que o conduzem a intensificação da vida social (FALLER, 2010).

Uma das principais características da EdC é a sua estruturação a partir de bens relacionais, ou seja, são bens que não podem ser mensurados por valores monetários ou indicadores financeiros e da reciprocidade que será definida posteriormente. Para Lucas (2007, p. 19) bens relacionais são:

> "... bens que não podem ser produzidos nem consumidos, ou seja, adquiridos por um único indivíduo. Eles dependem de modalidades de interações com os outros e podem sem gozados somente se co-divididos. São representados como uma forma

> particular de bens públicos locais, cuja condição essencial para existência é a exigência de reciprocidade e o fato de não poderem ser buscados, ou seja, conquistados independentemente; eles dependem de uma situação subjetiva e das pessoas envolvidas. Os bens onde cada um pode oferecer de maneira anônima não são relacionais."

Os bens relacionais possuem características singulares e que podem ser descritas segundo a concepção de Bruni (2006):

a) Identidade: diz respeito à identificação das pessoas que partilham desse bem, o contrário, ou seja, o anonimato não é parte integrante dos bens relacionais;
b) Reciprocidade: que remete à compreensão que são bens de relação e isso implica em um envolvimento onde cada um dos envolvidos dá e cada um dos envolvidos recebe;
c) Simultaneidade: corresponde ao momento em que o bem relacional é produzido consumido (vivenciado), ou seja, esse tipo de bem é produzido e consumido em um único momento pelos sujeitos envolvidos;
d) Motivações: é a base para a evidenciação do bem relacional. A motivação por trás do comportamento do indivíduo é o que determina a caracterização do bem relacional;
e) Fator emergente: é a característica de que o bem relacional só é relacional porque emerge dentro de uma relação;
f) Gratuidade: entende-se que o bem relacional não é o meio, mas o fim. Dessa forma, é caracterizado pela gratuidade, ou seja, acontece sem interesses além de vivenciar aquele bem;
g) Bem: determina que ele tem um valor, mas não tem um preço.

Para Bruni (2005), bens relacionais e reciprocidade caminham juntos. Isso ocorre devido ao fato de os bens relacionais serem constituído de relações e, por sua vez, as relações só podem ser usufruídas na reciprocidade. Com isso, entende-se que a reciprocidade é caracterizada pela bidirecionalidade, ou seja, é uma relação com a resposta do outro (FALLER, 2010).

Em concordância com as ideias de Bruni (2005), Lucas (2007, p. 24) afirma:

> A reciprocidade genuína, portanto, não é um contrato, mas requer a resposta do outro. Ao se considerar que a relação ocorre no decorrer do tempo, existem alguns elementos que podem explicar este fato. A abertura para o outro deve conter um

> elemento anterior, não condicional, de gratuidade. Mas, para a continuidade da relação no tempo, para que a comunhão seja real, é necessária também a parte do outro, que deve dispor-se a uma atitude de resposta, de reciprocidade.

A partir da assertiva de Lucas (2007) acerca de reciprocidade genuína, entende-se que a reciprocidade genuína é um fenômeno que ocorre em meio a uma relação com motivações não egocêntricas ou pautadas na recompensa financeira, por exemplo, a presença de voluntários nas associações ou organizações sem fins lucrativos. Além disso, sabe-se que há outros tipos de reciprocidade além da genuína, como a reciprocidade-contrato e a reciprocidade-comunhão (BRUNI, 2006):

Para Lucas (2007) a comunhão também pode ser entendida como um tipo específico de reciprocidade ou um modo específico de entendê-la. Dessa forma, a reciprocidade-comunhão se difere substancialmente das demais reciprocidades quando permite que a ação/bem recebido pelo outro não retorne para quem o fez, mas para um terceiro, por isso é caracterizada ou entendida como comunhão.

3. Metodologia

A presente pesquisa tem uma estratégia qualitativa e quantitativa de pesquisa de natureza exploratória, do tipo descritivo, com base em um estudo de campo, utilizando métodos de coleta de dados, questionários, formulados com questões fechadas e abertas, que envolveu matemática e estatística para melhor mensurar e testar as hipóteses. Por meio de amostras aleatórias, ou seja, em empresa situada na região de Pernambuco, mais especificamente em Caruaru e cidades próximas.

Inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica com a intenção de fundamentar as experiências no assunto. Posteriormente realizou-se a aplicação do questionário para coleta de dados e as ações de analises e interpretações do mesmo para uma posterior avaliação. Serão analisados elementos que influem na qualidade de vida das pessoas no ambiente profissional e social. A aplicação dos questionários aconteceu de forma presencial. A pesquisa, composta por 20 questões exploratórias, foi aplicada em uma amostra de 10 empresas.

4. Análise dos resultados

Com base nos dados obtidos em pesquisa, realizado na região de Pernambuco, em 10 empresa, do tipo indústria, de diversas áreas de atuação, observa-se o grande potencial de EdC. Os resultados foram obtidos através de questionário, contendo 20 perguntas, sendo 18 perguntas fechadas, conforme mostra no quadro 1 abaixo. Como também 2 questões abertas, relacionada as ações desempenhas pelas organizações, conforme quadro 2 a seguir.

Quadro 1 - Questionário fechado aplicado nas organizações

Nº	Questionário	EMPRESA 1	EMPRESA 2	EMPRESA 3	EMPRESA 4	EMPRESA 5	EMPRESA 6	EMPRESA 7	EMPRESA 8	EMPRESA 9	EMPRESA 10	MÉDIA PARCIAL	DESVIO PADRÃO
1	A empresa que você trabalha se preocupa com a sociedade ao redor?	4	5	5	5	5	3	4	4	5	5	4,5	0,707107
3	Você se sente motivado pela empresa?	4	5	5	5	5	4	5	5	4	4	4,6	0,516398
4	Você se sente satisfeito e realizado com o trabalho que realiza na empresa?	4	4	5	5	4	4	5	5	4	4	4,4	0,516398
5	Existe uma relação recíproca e de respeito entre você e seus colegas de trabalho?	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0
6	Você recebe incentivo por parte dos diretores para se qualificar?	4	5	5	5	5	3	5	5	5	5	4,7	0,674949
7	Você consegue dialogar com seu chefe ?	5	4	5	5	5	4	5	5	4	4	4,6	0,516398
8	Como você avalia, de modo geral, o padrão de comportamento da empresa?	4	4	4	5	5	4	5	5	4	4	4,4	0,516398
9	A economia da empresa tem uma visão social, na qual por meio dos lucros procura ajudar a comunidade que está inserida?	3	3	4	3	3	2	3	3	4	4	3,2	0,632456
10	Você fica sabendo dos problemas da empresa e das novidades que são implantadas?	4	5	4	5	5	5	5	5	4	4	4,6	0,516398

Fonte: Próprio Autor (2018)

Continuação Quadro
1

Nº	Questionário	EMPRESA 1	EMPRESA 2	EMPRESA 3	EMPRESA 4	EMPRESA 5	EMPRESA 6	EMPRESA 7	EMPRESA 8	EMPRESA 9	EMPRESA 10	MÉDIA PARCIAL	DESVIO PADRÃO
11	A empresa tem o hábito de levar em consideração as propostas de melhoria ou inivação que os funcionários compartilham com os chefes?	4	5	3	5	5	4	4	4	4	4	4,2	0,632456
12	Como você avalia a ideia de dividir o lucro da empresa em 3 partes: uma para investimento da empresa, outra para doação a comunidade ao redor e outra para capacitação dos funcionários.	5	2	4	4	3	4	3	4	5	5	3,9	0,994429
13	A empresa promove reuniões regulares para melhorar o relacionamento entre os membros da empresa e para ajudar a resolver situações difíceis?	5	5	4	5	5	5	5	3	5	5	4,7	0,674949
14	Você como funcionário ou gestor têm o hábito de realizar trabalhos em grupo ?	5	4	5	5	4	4	3	4	4	4	4,2	0,632456
15	A empresa cumpre suas obrigações físicas tendo um relacionamento transparente com o governo?	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0
17	A empresa realiza ações, com frequencia, para ajudar a comunidade?	2	2	5	2	3	4	3	3	3	3	3	0,942809
18	A empresa tem cuidado com o meio ambiente, de não poluir ou prejudicá-lo?	3	5	4	5	4	3	5	5	5	5	4,4	0,843274
19	As famílias dos funcionários e gestores participam de algum momento de confraternização na empresa?	2	1	3	3	3	5	5	5	4	4	3,5	1,354006
20	Com relação aos fatores sociais, econômicos e pessoais a empresa se preocupa com todos?	3	3	4	5	3	4	4	4	5	5	4	0,816497

Fonte: Próprio Autor (2018)

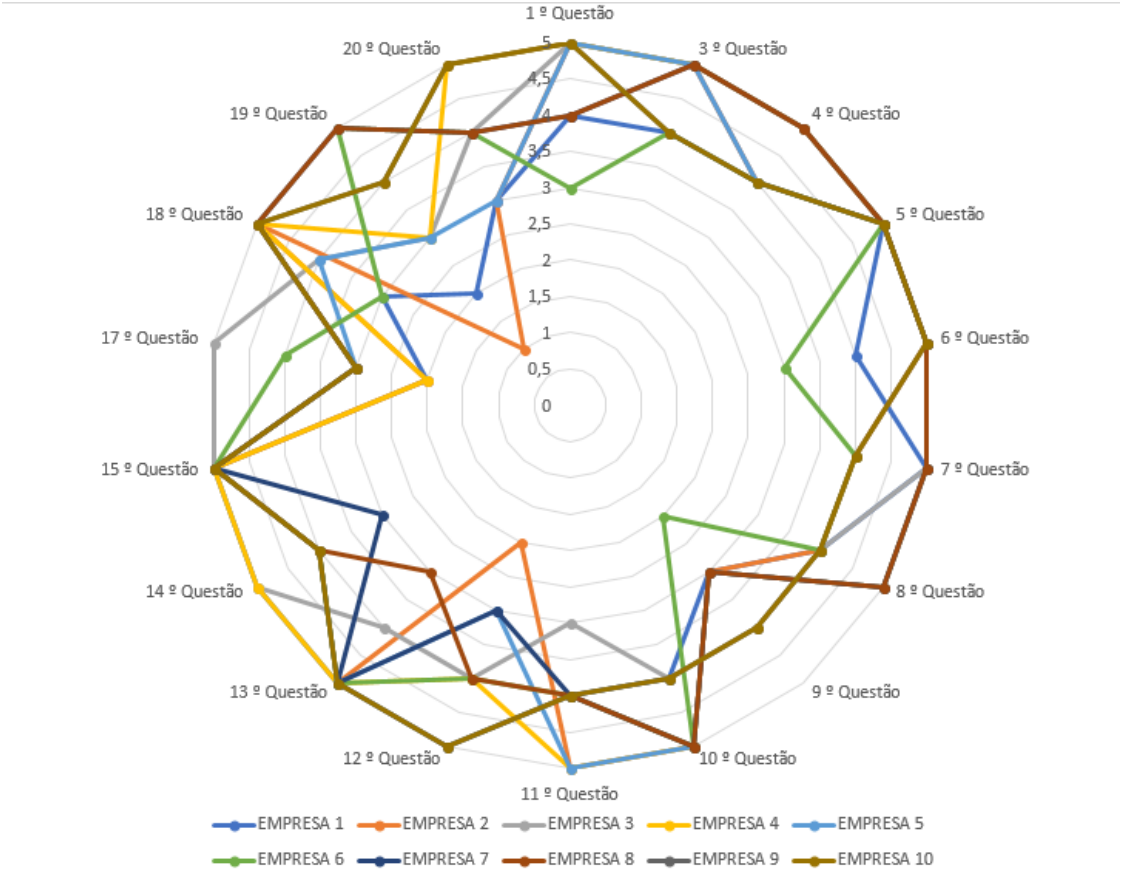
Quadro 2 - Questionário aberto aplicado nas organizações

Nº	Questionário	EMPRESA 1	EMPRESA 2	EMPRESA 3	EMPRESA 4	EMPRESA 5	EMPRESA 6	EMPRESA 7	EMPRESA 8	EMPRESA 9	EMPRESA 10
2	**Elenque ações e/ou invertimentos a empresa realiza para seus funcionários**	Nenhuma	segurança do trabalho	Cursos e qualificações	Plano de saúde, refeitorio, segurança do trabalho, pesquisa de satisfação anual na empresa	Melhorias no ambiente de trabalho	Qualificações	Cursos, visitas a empresas fornecedoras	Cursos, visitas a empresas fornecedoras	Melhorias na empresa	Melhorias na empresa
16	**Quais as ações praticadas pela empresa que visam preservar o meio ambiente?**	Nenhuma	Tratamento de efluentes e resíduos solidos	Nenhuma	Aquisição com fornecedores ambientalmente responsáveis, reciclagem dos resíduos	Reciclagem de resíduos de trabalho	Nenhuma	Coleta seletiva	Coleta seletiva	Reciclagem	Tratamento de água, reciclagem

Fonte: Próprio Autor (2018)

Através dos dados obtidos realizou-se um estudo estatístico, para compilar todos os resultados, de acordo com o gráfico tipo radar demonstrado abaixo no gráfico 1, observasse que hoje as organizações já demonstram os princípios básicos da economia de comunhão, constatando não ser uma realidade tão distante de ser conquistada no meio organizacional.

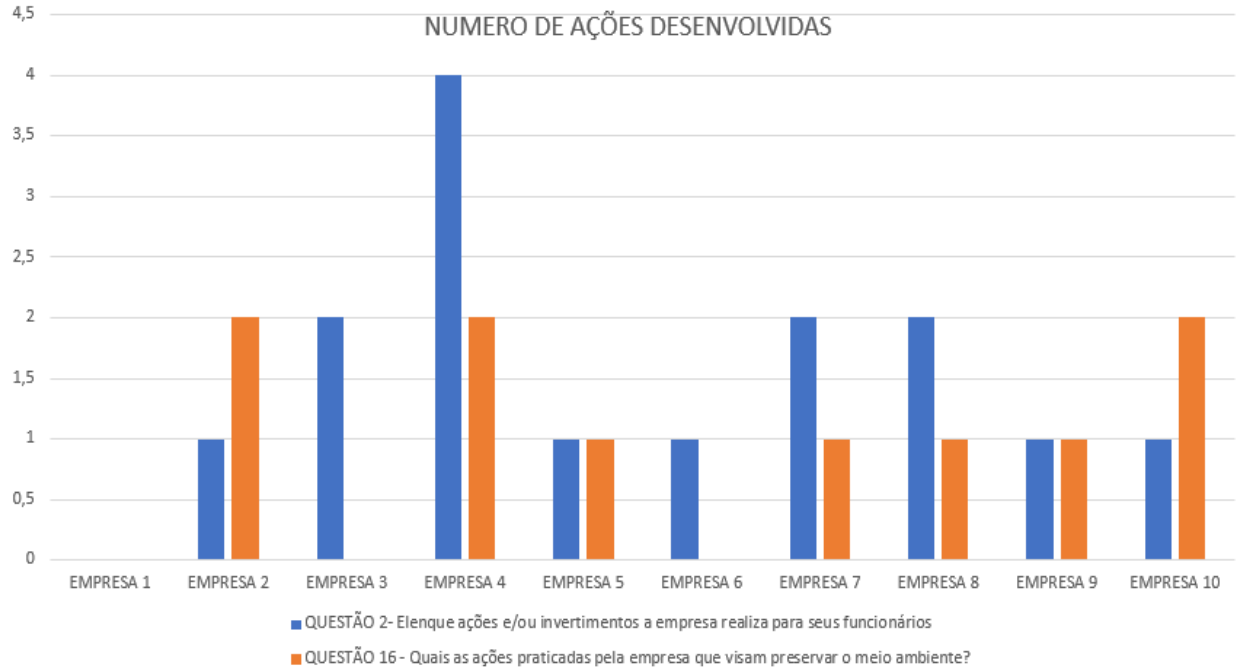
Gráfico 1 - Avaliação da EdC nas Organizações



Fonte: Próprio Autor (2018)

Em relação as ações desempenhadas palas organizações no intuito de beneficiar seus colaboradores e o meio ambiente, observasse a ausência de iniciativas no setor, ou seja, necessita de uma maior concordância com os princípios de EdC, para melhorar a qualidade de vida. Como é demonstrado no gráfico 2 abaixo.

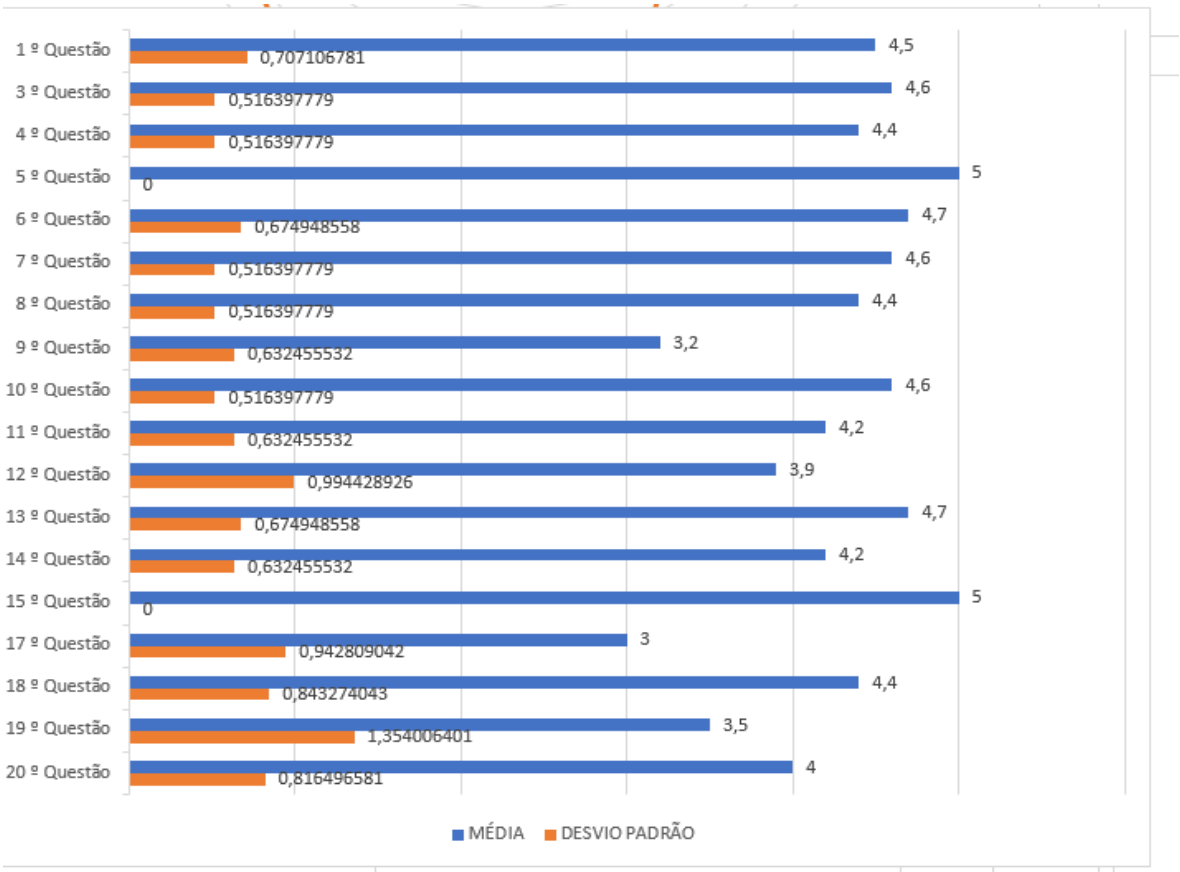
Gráfico 2 - Avaliação das Ações Desenvolvidas nas organizações



Fonte: Próprio Autor (2018)

No entanto, fazendo uma avaliação geral dos resultados, percebe-se que as médias alcançadas pelas empresas estão bem próximas do objetivo da pesquisa, ou seja, estão engajadas na perspectiva da economia de comunhão, necessitando apenas do conceito e integração por todas as partes interessadas dentro e fora da organização. Na questão 5, conforme mostra o gráfico 3, que trata da relação de reciprocidade e respeito entre colegas de trabalho obteve total concordância, o mesmo acontece na questão 15, que se refere ao cumprimento das obrigações das empresas. Em relação a discordância com a EdC, a questão 17, que questiona as ações realizadas em prol da comunidade, necessita de maior incentivo. No caso de divergência nas respostas percebe-se que a questão 19, que trata da integração de familiares em confraternização na organização, houve maior valor no desvio padrão.

Gráfico 3 - Média e Desvio Padrão dos Resultados



Fonte: Próprio Autor (2018)

5. Conclusões

A seguir são descritas algumas considerações finais sobre este trabalho:

No Modelo de empresas de Economia de Comunhão (EdC) os colaboradores se julgam ligado ao outro, pela benevolência e cada qual promovendo e mantendo para com seus semelhantes o conceito de unidade e princípios éticos multidimensionais. Ressalta-se que a solidariedade tem lugar sobre individualismo, tendo a cultura de Ser para Si substituída pela do Ser com o Outro.

Em relação aos estudos de casos em empresas analisados na pesquisa, a média dos indicadores estão bem próximos daqueles de gestão segundo o modelo de Economia de Comunhão (EdC).

Nos tópicos que tratam da relação de reciprocidade e respeito entre colegas de trabalho obteve total concordância, o mesmo acontece nos indicadores que se referem ao cumprimento das obrigações das empresas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera. **Doutrina social da Igreja e Economia de Comunhão**. In: QUARTANA, Pino et al. Economia de Comunhão. São Paulo: Cidade Nova, p. 35-56, 1992.

BARAÚNA, Márcia. (Coord.) **Economia de Comunhão e Movimento Econômico: desenvolvimento e perspectivas**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1999.

BIENER, Hansjoerg. PESC-3: **Environmental EducationandEducation for Socio-EconomicDevelopment.: EconomyofCommunion**. availableat: http://www.evrel.ewf.uni-erlangen.de/pesc/R2001-EoC.html, (accessedseptember 2008).

BRUNI, Luigino; COMIM, Flavio; PUGNO, Maurizio, SEN, Amartya, et al. (2008), **CapabilitiesandHappiness**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2008.

BRUNI, Luigino. (2002) - **Rumo a uma Racionalidade Capaz de Comunhão**. In: Economia de Comunhão umaCultura Econômica em Várias Dimensões, Vargem Grande Paulista: Cidade Nova.

EoC, **EconomyofCommunion**. disponível em: http://www.edc-online.org, (accesso em: setembro de 2008).

DALLABRIDA, Ivan S. **Responsabilidade Social Empresarial (RSE) e Economia de Comunhão (EdC):Racionalidade Empresarial na Construção do Desenvolvimento Sustentável**, ETHOS, 2005.

FERRUCI, A. **EconomyofCommunion in Freedom**., disponível em: http://www.focolares.org.br/Page2edc.htm, (acesso em setembro de 2008).

GONÇALVES, H.H. **Sociabilidade do Projeto de Economia de Comunhão na Liberdade (EdC)**, COPPE/UFRJ. In: Engenharia e Desenvolvimento Social, Rio de Janeiro, 2004.

LEITE, Kelen C. **Economia de Comunhão: Uma mudança Cultural e Política na Construção do Princípio da Reciprocidade nas Relações Econômicas**, Dissertação de Pós-Graduação, UFSCar, 2005.

LUBICH, Chiara. **Os Problemas de Desenvolvimento das Empresas de "Motivação Ideal".** In: BRUNI, Luigino (Org.); ARAÚJO, Vera; FERRUCCI, Alberto; BURCKART, Hans; GUI, Benedetto; ZAMAGNI, Stefano. Economia de Comunhão: Uma Cultura em Várias Dimensões. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2002.

SANTOS, Alexandre F. Uma **Abordagem da Economia de Comunhão como Estratégia para o Desenvolvimento Local: o caso das empresas instaladas na região metropolitana do Recife.** Dissertação de Mestrado em Gestão Púublica para o Desenvolvimento do Nordeste, Recife, Pernambuco, 2007.

SERAFIM, M.C. **A Ética no Espaço de Produção: Contribuições da Economia de Comunhão**, Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

SILVEIRA, N.C. **Relações entre Responsabilidade Social e Economia de Comunhão: Um Estudo de Caso com Empresas do Pólo Empresarial Spartaco**, USP, Ribeirão Preto, São Paulo, 2004.

SORGI, Tommaso. **A Cultura do Dar. In: Economia de Comunhão: Projeto, reflexões e propostas para cultura de partilha**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1998.

VIDO, E. **Gestão Baseada nos Princípios da Economia de Comunhão: Uma Proposta de Mudança da Cultura Empresarial,** Monografia, Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP, 2004.